

Spotlight: Uma análise da representação do personagem jornalista investigativo e de suas práticas¹

Adriana Schryver KURTZ²

Marina Silvano KRAPF³

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM-Sul

RESUMO

O artigo analisa a representação dos personagens jornalistas investigativos no filme, ganhador do Oscar de 2016, *Spotlight*. O objetivo geral é analisar como o profissional é representado, tendo como base as práticas reais exercidas pelos jornalistas investigativos e também os estereótipos já conhecidos dentro dos *Newspaper Movies* ao longo dos anos. A partir de uma pesquisa qualitativa, exploratória, bibliográfica e documental, foi feita uma análise fílmica com base em questões relativas à representação do jornalismo investigativo, com ênfase nas categorias de Leandro Fortes (2010). Após a análise de cada um dos quatro participantes do grupo *Spotlight* conclui-se que, ao mesmo tempo em que o filme recoloca o tema em destaque, mostra uma representação mais humanizada e menos estereotipada dos profissionais.

Palavras-chave: Jornalismo investigativo; representação; *Newspaper Movies*; *Spotlight*; estereótipos;

1. Introdução : um Oscar e a revitalização do tema Jornalismo Investigativo

Como bem notou Christa Berger (2002) em estudo já clássico, há uma longa tradição de representação das atividades do jornalismo no universo do cinema hollywoodiano e, entre uma lista de centenas de títulos, pode-se citar os que abordam o personagem jornalista e o trabalho de apuração como em *Todos os Homens do Presidente* (1976) e *Cidadão Kane* (1941), obras reconhecidas pelos críticos mas que não lograram ganhar o prêmio máximo da indústria, o Oscar de Melhor Filme. Assim, a premiação do longa *Spotlight* como “Melhor Filme” de 2016 não apenas recolocou o gênero do *Newspaper Movies* em alta como agendou um debate específico sobre a relevância do jornalismo investigativo na sociedade contemporânea (aliás, em tempos

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Jornalista, Doutora em “Comunicação e Informação” pelo PPGCOM/UFRGS. Professora dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Escola Superior de Propaganda e Marketing. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Jornalismo (NEJOR/ESPM-SUL). Líder do Grupo de Pesquisa “Teoria e Prática no Jornalismo”. adrianakurtz@terra.com.br.

³ Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo - pela Escola Superior de Propaganda e Marketing.

de afirmação do *fake-news*). De acordo com a sinopse do filme disponível no site “Adoro Cinema” (2016) “o drama mostra um grupo de jornalistas em Boston que reúne milhares de documentos capazes de provar diversos casos de abuso de crianças, causados por padres católicos”. Assim, como foi acompanhado por plateias globais especialmente depois da premiação do Oscar, *Spotlight* retrata o passo a passo da construção de uma matéria investigativa em uma redação.

Segundo o diretor do filme, Tom McCarthy, em entrevista ao site da revista VEJA (2016), *Spotlight* celebra a revalorização do jornalismo, profissão que se reconfigura pelas inovações tecnológicas e pelo imediatismo que a internet propicia. “O jornalismo investigativo está morrendo. Seria maravilhoso se as pessoas percebessem que essa instituição está sendo dizimada. E que comecem a pensar por que isso está acontecendo e quão importante o jornalismo é para todos nós” (MCCARTHY, 2016). E como bem destacou o jornalista Artur Xexéo (2016), em sua coluna para o jornal *O Globo*, *Spotlight* não é só um filme sobre o jornalismo. “É um filme sobre o bom jornalismo. Não há dúvida de que os quatro repórteres da *Spotlight* são os mocinhos da trama. Uma reportagem bem feita é capaz de mudar a história”. Para o crítico, os novos tempos da profissão exercida na internet suprimem o espaço de apurações demoradas e textos longos.

Assim, o presente artigo tem como foco a representação do jornalista investigativo e de suas práticas no filme *Spotlight*, a partir de um panorama mais geral da história do jornalismo no cinema, com ênfase nas produções norte-americanas, da questão dos estereótipos que estas mesmas representações construíram em mais de um século de tematização dos *newspaper movies* e da teoria acerca do jornalismo investigativo e suas práticas, especialmente centrada nas categorias de Fortes (2010), entre outros autores da Teoria do Jornalismo. Desta forma, cada um dos quatro personagens do filme serão caracterizados, a partir de situações de destaque no decorrer da trama, em relação às especificidades do jornalismo investigativo.

2. O pesquisador fora dos holofotes: Matt Carroll

Matt Carroll é um dos jornalistas integrantes do grupo investigativo do jornal americano *Boston Globe*. Comparado com os outros membros da equipe, Carroll não é um personagem muito explorado no filme, ficando, na maioria das vezes, de forma

secundária nas cenas. Apesar de não ficar exatamente explícito se a equipe de jornalistas possui um *modus operandi* único no andamento das investigações, é possível notar que o trabalho de Carroll envolve buscar diferentes tipos de informações e documentos que auxiliam no andamento da pauta como, por exemplo, analisar *clippings*, procurar por pistas em documentos e organizar as informações recolhidas até o momento. O papel do personagem não envolveu relações mais efetivas com fontes importantes ou com entrevistas com autoridades.

Um aspecto significativo do personagem é que, de todos os quatro integrantes, ele é o mais familiarizado com estatísticas e organização de planilhas e, por isso, faz um trabalho que pode ser considerado mais manual. Assim, *Spotlight* não o destaca como o típico jornalista faminto por aventura, apenas como um coadjuvante que segue o comando da chefia e faz seu trabalho corretamente e com ética. Mas esse trabalho sem glamour mostra-se fundamental na investigação, pois Matt Carroll é implacável na busca de informações sobre o que acontece com os padres que são afastados de suas paróquias, uma das evidências dos abusos e da proteção da alta cúpula da Igreja. É ele que descobre, numa biblioteca, que as arquidioceses lançam um catálogo anualmente com cada padre e paróquia em Boston, documentos que ao final serão conferidos minuciosamente com seus companheiros Walter Robinson, editor chefe do núcleo investigativo, e Michael Rezendes.

De acordo com Lopes e Proença (2003), o papel do jornalismo investigativo se dá a partir da reconstituição de acontecimentos importantes, promovendo reformas na sociedade, expondo injustiças, desmascarando fraudes e, principalmente divulgando aquilo que os poderes públicos querem ocultar. Já Fortes (2010) argumenta que existem diversas características que são necessárias para que um trabalho investigativo seja feito de maneira correta. Para o autor, a primeira etapa diz respeito a uma pesquisa minuciosa de cada detalhe do caso, seguida de uma atenção especial a todos os tipos de documentos disponíveis, inclusive públicos. Fortes (2010) ressalta que informações contidas em livros, relatórios anuais de empresas, certidões, contratos, processos judiciais, entre outros, podem ser surpreendentes. Tal análise se encaixa magistralmente na representação do personagem Matt Carroll. O jornalista, como já dito, não tem uma participação marcante na história do filme. Ainda assim, é possível notar que as características citadas por Fortes (2010) se relacionam diretamente com o trabalho que ele desempenha na investigação. Enquanto a maioria da equipe está entrevistando os

advogados dos casos e entrando em contato com outras fontes importantes, na maior parte do tempo Carroll está na redação analisando *clippings* e outros documentos, entregando informações novas para a equipe.

Através de conversas com colegas de redação e pesquisas em bibliotecas, o jornalista obteve conhecimento de catálogos que as arquidioceses lançavam todos os anos e que possuíam a identificação de cada padre e cada paróquia. Esses documentos eram desconhecidos até então pelos outros membros da equipe e foram essenciais para o andamento da pauta. Outra característica citada por Fortes (2010) e bem representada pelo personagem Matt Carroll é a discrição. Para o autor, os passos do repórter devem ser silenciosos. Carroll, embora tenha tido contato com poucas fontes, mostrou essa característica inclusive diante dos próprios colegas de redação. A investigação lidava com um tema muito delicado e que estava relacionado com o cotidiano de todos os moradores da cidade. Isso obrigou a equipe *Spotlight* a manter segredo dos próprios colegas do *Boston Globe*, curiosos com o que a equipe investigativa estava produzindo.

Assim, negando inclusive uma noção – um tanto estereotipada – de Fortes (2010), segundo a qual o jornalista é desorganizado por natureza, Matt Carroll aparece em diversas cenas organizando as informações coletadas por ele e seus colegas, construindo uma forma visualmente atraente para que a equipe enxergue os inúmeros dados e fazendo contagens decisivas na ampliação do número de padres pedófilos, a partir de uma denúncia inicial que tinha poucos nomes. Carroll ainda oferece um contraponto aos estereótipos construídos ao longo da história do *Newspaper Movie* em relação com as famílias destes profissionais. De acordo com Berger (2002), a imagem do jornalista nas telas do cinema quase sempre é associada a um indivíduo sem laços familiares, ou com problemas na relação com a família, solitário, destemido e com uma vida dedicada ao trabalho. No caso de Carroll, é mostrado o contrário: uma relação muito próxima dele com seus dois filhos e sua mulher. Diferentemente da ideia clichê do jornalista boêmio, sozinho, com poucos laços familiares e que só tem tempo para a profissão, Carroll parece conciliar os dois aspectos da vida de maneira tranquila e longe dos dramas.

3. A profissional mulher sem glamour (ou *Sex-appeal*): Sacha Pfeiffer

A jornalista Sacha Pfeiffer é a única integrante feminina do grupo investigativo do jornal *Boston Globe*. Seu papel dentro da equipe é basicamente a de um repórter. Sacha além de ajudar com os *clippings* e pistas sobre os casos investigados, também é a integrante que mais fez entrevistas no filme. Ao contrário de Matt Carroll, que ganha pouco destaque no longa, a jornalista tem um papel fundamental na construção da narrativa do filme por ser uma personagem que está constantemente trazendo novas informações ao grupo e realizando diversas entrevistas com vítimas. Muitas delas com algo grau de dramaticidade.

É possível notar que Sacha está muito mais envolvida com o lado “humano” da reportagem, ou seja, seu foco principal da investigação está mais para coletar informações dos acusadores e dos casos específicos, do que na própria investigação judicial, como, por exemplo, seu colega Michael Rezendes. Num raro momento em que ela se encontra com um dos advogados das vítimas para entender os (espúrios) acordos feitos com a igreja, estava acompanhada de seu editor Walter Robinson.

Outro ponto a ressaltar sobre a personagem é a sua discrição. Pouco se sabe das características pessoais de Sacha, apenas a sua conduta jornalística. Entretanto, um detalhe serve como uma espécie de vetor para lembrar ao espectador o quão dramático é a pauta para a legião de fiéis da Igreja. Um aspecto explorado pelo filme fora da redação do jornal é a relação da jornalista com a sua avó. No longa, esta senhora é católica assídua, vai à igreja três vezes por semana e não sabe da investigação da equipe *Spotlight* sobre os padres pedófilos em Boston. A jornalista, que costumava ir à igreja com sua avó, aos poucos se afasta do ambiente católico e, por vivenciar os costumes cristãos dentro de sua casa com seus familiares, demonstra muito cuidado na construção da pauta e preocupação de como ela será recebida por fiéis como a sua avó.

Como bem lembrou Fortes (2010), o termo “jornalismo investigativo”, inicialmente, pode soar redundante, pois o meio acadêmico parte do princípio de que toda a atividade jornalística deve ser investigativa. Mas de fato, aos poucos, a investigação deixou de ser uma simples prática para se transformar em uma área de crescente especialização. Assim, o gênero tornou-se um nicho e um símbolo de *status* dentro do jornalismo. O exercício do jornalismo investigativo, de acordo com Lopes e Proença (2003), tem como suas principais premissas a reconstituição de acontecimentos importantes e a promoção de reformas dentro da sociedade, que desmascare fraudes, exponha injustiças e divulgue aquilo que os poderes públicos querem ocultar.

Lopes (2010) contextualiza que a prática do jornalismo investigativo se dá em diversas etapas. Uma delas é a obtenção do maior número de entrevistas possíveis, informações e pistas sobre o caso. No filme *Spotlight* todos os repórteres da equipe fazem entrevistas, porém a jornalista Sacha Pfeiffer é a pessoa que mais desempenha essa função dentro do grupo. Em certo momento da investigação, após a descoberta de diversos padres que já haviam abusado de crianças em Boston, o editor Walter Robinson manda Sacha e Matt Carroll baterem de porta em porta, nas casas das vítimas, e coletarem o máximo de informações possíveis. Apesar de dividir esta função com outro colega, as cenas do longa dão ênfase somente nas entrevistas de Sacha.

Outro ponto importante ressaltado na personagem e citado como uma das etapas investigativas por Fortes (2010) é a de sempre checar a informação. Após a entrevista com Joe, uma das vítimas de abuso, Sacha, ao chegar em casa, lembra-se de pontos que não foram perguntados pessoalmente e liga para a vítima com o intuito de esclarecer algumas informações. Fortes (2010) ainda enfatiza que o repórter deve ter frieza, objetividade e precisão. Isso é representado na cena em que Sacha conversa com Joe, vítima do padre Stanley. Visivelmente nervoso, a fonte não contava o que tinha realmente acontecido entre ele e o padre, usando a palavra “molestou” para descrever o abuso. A jornalista explica ao entrevistado que essas informações não eram o suficiente e que, infelizmente, ele precisava ser mais específico.

Porém, como também aponta Fortes (2010), o profissional jornalista precisa lidar com todo o tipo de pessoa - políticos corruptos, pastores aproveitadores – de forma, na medida do possível, respeitosa. Isso porque todas essas pessoas são fontes inesgotáveis de informações e, por isso, o segredo para desmascará-los está em não partir para cima como um cão raivoso. Isso é representado na cena em que Sacha, ao bater aleatoriamente numa casa, dá de frente com o padre Ronald Paquin, acusado de molestar diversas crianças. Embora um pouco nervosa de estar frente a frente com o padre, ela mantém a frieza e objetividade e pergunta diretamente sobre as acusações de abuso. Como resposta, ele confirma que molestou crianças.

Sacha faz uma pequena inflexão em relação a um padrão bastante típico de representação de jornalistas do sexo feminino, construído ao longo dos *Newspaper Movies*. Conforme estudo de Carmo (2002), no livro organizado por Christa Berger “O jornalismo no Cinema”, o papel masculino está geralmente na condição de sujeito, de operador das transformações, enquanto o feminino aparece sempre na condição de

objeto, de algo a ser alcançada pelo sujeito. Como consequência dessas representações, as mulheres são louvadas por serem obedientes e, por outro lado, aos personagens masculinos são atribuídos a qualidades como ambição, força e liderança.

Das convenções típicas do papel da mulher pesquisados por Carmo (2002) - subalternidade feminina no ambiente de trabalho; disputa entre os sexos para melhor matéria; beleza feminina como objeto de desejo masculino; cuidados com a aparência feminina; necessidade de ser protegida pelo homem; descontrole emocional; sucesso no trabalho *versus* a vida afetiva; desfecho ancorado no romance – a personagem de Sacha Pfeiffer praticamente subverte a longa e pouco elogiosa história das mulheres jornalistas no cinema, um mérito de *Spotlight*.

A jornalista, única representante do sexo feminino do grupo, não precisou de nenhum roteiro romântico, usar roupas atraentes ou escolher entre a vida profissional e afetiva, pelo contrário, sempre manteve-se discreta no lado pessoal e foi apenas retratada como jornalista. Ainda assim, a condição de subalternidade feminina no ambiente de trabalho ainda é presente no roteiro, que é baseado na vida real. Isso é notado, pois, além de ser comandada por um editor homem, todas as entrevistas que ela iria fazer com autoridades, como o advogado Eric Mcleish, ela sempre estava acompanhada de seu editor Rob, enquanto seu colega de trabalho Michael Rezendes lidava sozinho com o outro advogado retratado na história, Michell Garabedian. Assim, é possível notar que a repórter não teve autonomia de lidar com autoridades da mesma forma que seu companheiro Rezendes, tendo que utilizar do lado “emotivo” da mulher para extrair bons depoimentos de seus entrevistados e focar nesse lado da investigação.

4. O jovem romântico: Michael Rezendes

O personagem Michael Rezendes foi o primeiro integrante da equipe *Spotlight* a se interessar pela história dos padres de Boston. Desde a primeira reunião de pauta em que mencionam o caso Geoghan, o primeiro suspeito de envolvimento em abusos sexuais, o jornalista demonstrava estar empolgado em fazer algo tão arriscado e curioso para saber o desfecho. Na investigação, Rezendes foi o repórter que ficou com a responsabilidade de conseguir informações do advogado Michell Garabedian, que representava as vítimas do caso Geoghan e que alegou que o Cardeal Bernard F. Law,

arcebispo católico romano de Boston, tinha conhecimento dos casos de abuso e não fez nada. Assim, o jornalista começa uma jornada importante para ganhar a confiança do advogado e conseguir o máximo de informações possíveis sobre estes documentos até então sigilosos.

Todos os membros da equipe *Spotlight* trabalharam duro na investigação, mas inquestionavelmente Rezendes é o repórter que mais acredita e luta pela matéria. Ele é um homem agitado, que vai à redação até em seus dias de folga, persistente e que sempre gosta de deixar a sua opinião explícita para o grupo. Nas cenas do filme, Micheal sempre está correndo pelas ruas ou falando rápido pelos corredores com seu editor Walter Robinson. Em um dos momentos finais da investigação, Rezendes tem uma discussão com Rob por discordarem do momento certo para a divulgação da matéria e, logo após esse momento, o jornalista mais jovem vai até a casa da colega Sacha Pfeiffer para lamentar o ocorrido, mas visivelmente afetado com as histórias que ele descobriu durante o processo de apuração. Por isso, podemos o classificar como o personagem mais “vibrante” do filme. Rezendes parece ser o jornalista do grupo que exercita a profissão com menos imparcialidade e mais emoção humana.

A diferença entre o jornalismo e o jornalismo investigativo, Segundo Pena (2010), é que o segundo não se contenta com as versões e fontes secundárias. A prática consiste em buscar a informação primária, transitar pelos bastidores da notícia e revelar acontecimentos cujos protagonistas tentam esconder. Pena (2010) acrescenta que o benefício do jornalismo investigativo é promover questionamentos, debates e aperfeiçoamento da democracia. Porém, ainda segundo o autor, a prática investigativa não está ligada somente à casos policiais, mas também pelo acesso a informações públicas, a fim de tirar satisfação das autoridades. Nesse sentido, o personagem do filme *Spotlight* que mais atua como um persistente na luta por divulgação de conteúdos públicos e escondidos da sociedade é sem dúvida Michael Rezendes.

Como sugeriu Fortes (2010), um jornalista investigativo precisa ter atenção especial a todos os tipos de documentações disponíveis, inclusive públicas. Nesse sentido, a equipe *Spotlight* foi muito cuidadosa, porém foi o Rezendes que trouxe o documento mais importante de toda a investigação: o processo judicial que prova que o Cardeal Law tinha conhecimento do caso Geoghan. Para isso, Rezendes utiliza de outras duas características que, segundo Fortes (2010), são conceituadas como fundamentais para o meio investigativo: insistência e perseverança. Após descobrir

que documentos importantes estavam disponíveis no Fórum de Boston, o jornalista faz de tudo para obtê-los. Fica vigiando a porta e esperando o funcionário voltar ao trabalho, pede a ajuda de um juiz para liberar os documentos e paga para conseguir usar a impressora. Rezendes corre pelos corredores, bate insistentemente na porta e parece sempre apressado para conseguir as provas. No decorrer de todo o filme ele persiste em conseguir as informações do advogado Mitchell Garabedian: entra em sua sala sem permissão, o persegue na rua e no elevador até conseguir a confiança do profissional.

A relação entre Rezendes e Garabedian, por sinal, é um ponto importante do filme. No início o advogado não se sente confortável em passar as informações para o jornalista, mas a medida em que Michael Rezendes demonstra-se mais envolvido com a causa os dois começam a ter uma relação mais próxima. Fortes (2010) cita que uma das características do jornalista investigativo é sempre manter respeito às fontes. Segundo o autor, essa é uma das razões de longevidade dos bons repórteres. Isso é notado na relação do jornalista com o advogado, principalmente quando Garabedian conta *em off* para Rezendes que os documentos do caso Geoghan eram públicos.

Por tudo isso, se considerarmos a história dos *Newspaper Movies*, o personagem Rezendes é o mais parecido com outros já retratados pela sétima arte. Isso porquê, de acordo com Senra (1997) um dos estereótipos notados em filmes de jornalistas é do repórter generoso, que luta intensamente para revelar aquilo que o superior quer esconder, é criativo e “suavemente rebelde”. Geralmente o personagem enfrenta autoridades e o abuso do poder do editor pelo bem dos leitores. Uma cena importante retrata tal estereótipo. Após recolher as provas que Law tinha conhecimento do caso Geoghan e não o puniu de forma alguma, Rezendes quer publicar a matéria para que a cidade inteira saiba do que está acontecendo. Porém, seu editor Walter Robinson pede calma e argumenta que ainda faltam peças para finalizar a matéria. O repórter se mostra inconformado com o editor e faz um discurso digno de personagem herói: “Poderia ter sido você, eu, qualquer um de nós! Temos que prender esses vermes pra mostrar às pessoas que ninguém se safava disso! Nem um padre, nem um cardeal, nem o maldito papa!”.

De acordo com Berger (2002), o herói é a primeira definição criada ao jornalista no meio cinematográfico. Assim, há uma glamourização no personagem na narrativa norte-americana que faz com que o profissional passe a ser visto como o

“salvador da população”, imprimindo a sua marca como o investigador aventureiro, destemido e solitário, assim como os policiais e cowboys. Como exemplo dessa devoção ao trabalho, em uma cena do filme o jornalista aparece em sua casa e o lugar parece desorganizado e com caixas no chão. Seu colega de trabalho diz “ela é uma boa garota, Mike!”, deixando subtendido que Rezendes tem uma esposa ou namorada que não aparece no filme. O jornalista responde “Ela é. Vamos resolver isso. Não tenho tido tempo”. Esse diálogo se encaixa na fase do *Newspaper Movies* “inspiração na vida real” contextualizada por Berger (2002), na qual vemos o jornalista como um profissional associado ao desleixo pessoal e a um estilo de vida marcado pela falta de laços familiares ou com problemas. Neste âmbito, a vida desses profissionais é dedicada ao trabalho, assim como demonstra ser a de Rezendes.

5. Um veterano em ação: Walter Robinson

O editor chefe da equipe investigativa do jornal *Boston Globe*, Walter Robinson, é um jornalista experiente, que já exerceu diversos cargos dentro do jornal, e que foi caracterizado no filme *Spotlight* como o personagem “ pilar” de toda investigação. Isso porque Rob, além de comandar todos os passos da equipe, também foi um dos responsáveis pela pauta não ter sido aprofundada muito antes do ocorrido de 2001, visto que ele já tinha acesso às informações e as desconsiderou, o que na época abortou a investigação e, afinal, deixou o assunto desconhecido e não investigado por anos (enquanto os crimes continuavam a acontecer sob o acobertamento efetivo e consciente da Igreja em Boston). Este elemento é fundamental para descobrir a essência do personagem, que vai mudando a sua conduta durante o filme.

No início da investigação, Rob ainda estava relutante pela pauta, principalmente por ser algo que iria desagradar os católicos da cidade. Todos os passos da investigação eram feitos com muita cautela e dúvida. Ao notar que o caso era muito mais sério do que parecia, ou seja, não eram apenas dois ou três padres, mas já estavam lidando com no mínimo 13, Rob começou a ser mais ativo e buscar aquilo que anos atrás deixara de lado. Durante o longa, é possível notar um arrependimento por parte do jornalista de não ter tido coragem o suficiente para sustentar a história quando ela tinha sido “ofertada” ao jornal pela primeira vez e, por isso, desta vez o jornalista acomodado resolveu juntar toda a sua experiência com a sede de justiça que os repórteres mais jovens tinham para

construir uma reportagem capaz de abalar a sociedade de Boston no início do século XXI.

De acordo com Melo (2015) a melhor definição para o jornalismo investigativo é a prática que exige a participação ativa do jornalista na descoberta de fatos que alguém tenta esconder do público. No entendimento da instituição americana IRE (Investigative Reporters and Editors), existem três pré-requisitos para que uma reportagem seja considerada investigativa: 1) A investigação deve ser fruto do trabalho de um jornalista; 2) O tema da investigação deve ser relevante para o leitor; 3) O assunto deve ser algo que alguém está tentando ocultar do público. Já Lopes e Proença (2003) afirmam que o jornalista investigativo, assim como qualquer outro jornalista, nunca deve esquecer o seu papel social e a sua importância para a construção da cidadania, uma vez que é responsável pela transmissão de informações.

Esta última afirmação é interessante para a análise de Walter Robinson. Isso porque no decorrer do filme descobre-se que o jornalista já havia entrado em contato com as pistas iniciais de que haveria outros padres com histórico de abuso na cidade de Boston e nada foi feito sobre o assunto. Rob, como editor da equipe *Spotlight* só foi admitir no fim da investigação que ele próprio fora o responsável pela pauta não ter vindo a público muitos anos antes. Assim, o filme deixa explícito que houve uma mudança no personagem durante a investigação retratada no longa.

Rob, por ser um jornalista experiente, com cargos altos dentro da redação, é um sujeito conhecido pela cidade de Boston, tanto com a população em geral quanto com as autoridades. Assim, é possível notar que não havia mais aquela sede de investigação e mudança observada nos outros repórteres da equipe *Spotlight*. Ainda assim, quando começou a realmente se interessar pela pauta e acreditar no trabalho da equipe como algo de valor para a população, a sua experiência e relação com as fontes contou, e muito, a favor da equipe. Sobre esta relação mais íntima com as fontes, Fortes (2010) ressalta que o repórter não pode deixar que a fonte mantenha certo poder de condução sobre o material levantado. Fugir desta prática faz parte do esforço ético do jornalista. Na mesma linha de raciocínio Bucci (2000) também enfatiza a importância do distanciamento entre a fonte e o profissional. Segundo o autor, ser independente da fonte é um desafio clássico e já bastante conhecido. Trata-se de não permitir que a proximidade necessária entre o repórter e sua fonte se transforme na cooptação do repórter pela fonte.

Estas características descritas por Fortes (2010) e Bucci (2000) são percebidas numa questão central do filme. O advogado que defendeu a igreja em diversos casos de abuso infantil, Jim Sullivan, era grande amigo de Walter Robinson. Durante todo o filme, Rob tenta tirar informações do amigo inutilmente. Porém, ao chegar ao fim da investigação, a equipe *Spotlight* tem uma lista com os nomes de 70 padres acusados de abuso (por parte das vítimas) mas sem confirmação final (por fontes institucionais). Assim, Rob aparece em uma noite na casa do amigo, confrontando Sullivan pela última vez. Desta vez o jornalista falou mais alto que o amigo: finalmente ele consegue a confirmação de todos os 70 padres.

Outro ponto considerado por Fortes (2010) como uma característica indispensável para o jornalista investigativo é a libertação de preconceitos. Para o autor, o jornalista nunca deve partir de princípios pessoais, religiosos ou ideológicos para definir o rumo de sua reportagem. Nesse sentido, houve uma grande reviravolta no personagem Walter Robinson. O jornalista, no decorrer da investigação, descobre que um dos padres acusado de molestar menores era um de seus professores da escola católica na qual estudara quando jovem. Além disso, um de seus colegas da época foi uma das vítimas de abusos identificada. Rob vai até a escola conversar sobre o caso e é pressionado pela direção para que não exponha o nome da instituição. É visível o desconforto do jornalista em relação a pauta e como aquelas descobertas são pessoalmente chocantes para ele mas, em nenhum momento, Rob hesita de continuar. No fim, o padre da instituição não foi poupado.

Segundo Berger (2002) existem produções que denunciam a promiscuidade nas relações entre estado, sistema judiciário, política e imprensa. Nesse sentido, segundo Travancas (2011) diversas críticas cinematográficas foram feitas à imprensa pelo desejo desmedido de lucro, a concorrência desenfreada e ao tratamento sensacionalista. A noção de poder para esse segmento está muito relacionada com Estado, autoridade política e força econômica e, por isso, a autora destaca que a ilusão do poder seria uma dos perigos mais graves da profissão. Em geral, a capacidade de transformar algo privado em público é tida como ameaçadora e está sempre ligada a possibilidade de que o jornalista extrapole os níveis desejados e abuse do (seu) poder.

Walter Robinson dá um exemplo (desculpável, uma vez que pelo bem público?) deste abuso de poder: após conversar duas vezes com o advogado Eric Macleish e não conseguir as informações desejadas, Rob e Sacha voltam a procurar o profissional que

trabalhava com casos de abuso sempre de forma sigilosa. Na conversa, o advogado novamente diz que não pode falar sobre o caso, mas é interrompido com uma ameaça de Rob. Ele chantageia Macleich e o manda fazer uma lista com o nome de todos os padres já defendidos por ele sob a acusação de abuso. Diz Robinson literalmente: “*temos duas matérias aqui. Uma sobre o clero degenerado e outra sobre um bando de advogados que fizeram de abuso infantil uma indústria. E então? Qual das duas quer que escrevamos? Pois alguma será escrita*”. No dia seguinte, Rob recebe uma lista com 45 nomes.

Assim como afirma Travancas (2011), ao mesmo tempo em que fascina na sua corrida pela verdade, o jornalista é repudiado e menosprezado por ser ameaçador. Esse tipo de personagem se encaixaria em uma série de *Newspaper Movies* contextualizada por Berger (2002) como "Poderes do Jornalismo". Nos filmes listados dentro desta categoria, as relações entre justiça e mídia ganham contornos difusos. Aqui o estereótipo do repórter/herói serve a dois senhores: tanto para o bem quanto para o mal. Assim como o jornalista pode perseguir criminosos, também pode manipular fatos e ameaçar pessoas. Seguindo esta linha, a chantagem de Robinson sobre um advogado obviamente pouco preocupado com as questões éticas relativas as centenas de vítimas de abusos, acaba sendo legitimada, em que pese evidenciar uma evidente distorção em relação aos códigos de ética mais elementares.

6. Considerações Finais

A vitória de um *Newspaper Movies* na maior premiação de cinema do mundo trouxe à tona uma discussão que parecia esquecida: a importância do jornalismo bem feito e a independência dos veículos em relação á outras instituições de poder, inclusive locais. É importante lembrar que a trama de *Spotlight* inicia com a chegada do jornalista (judeu) Marty Baron. O novo diretor de redação, não tendo nenhum vínculo com a cidade de Boston, obriga a equipe de investigação a levar mais a sério uma pauta delicada como a investigação de padres pedófilos numa cidade fortemente católica. Em seu primeiro dia, Marty abre um processo contra a igreja para ter acesso aos arquivos do caso Geoghan, causando rejeição por parte dos outros funcionários, inclusive Rob. De fato, o editor de *Spotlight* demorará a entender o tamanho da história que tinha em mãos e a se dedicar realmente a ela. Robinson é o personagem com mais contatos dentro da

equipe e foi o cabeça do *Spotlight* em todas as decisões do grupo. Por vezes, Rob aproveita-se de sua condição de formador de opinião pública para conseguir o que quer de suas fontes, pisando em considerações éticas. Mas a investigação foi fundamental para que o jornalista retomasse alguns valores do jornalismo que estavam acomodados com seus anos de estrada. De qualquer forma, o envolvimento de terceiros foi fundamental para que ele evoluísse como profissional.

Em um contexto geral, o filme *Spotlight*, por tratar de uma investigação tão famosa quanto impactante na história do jornalismo estadunidense e global, tem como foco o trabalho de apuração dos jornalistas, deixando enredos secundários para trás. Podemos notar jornalistas mais humanos, mostrando que os tipos de personagens classificados por Berger (2002) são muito estereotipados e clichês, apesar de ainda se fazerem presentes de forma mais suavizada dentro do roteiro. Ao mesmo tempo em que o filme recoloca o tema “jornalismo” em destaque no meio audiovisual, ele mostra uma representação mais humanizada e menos estereotipada dos personagens, apontando talvez para uma inflexão nesta representação.

De fato, *Spotlight* abriu espaço para a criação de um diálogo mundial sobre os rumos do jornalismo e ainda lembrou as diferenças que uma reportagem investigativa bem feita pode fazer em uma sociedade. Assim, nos parece interessante finalizar este artigo com um exemplo de como representação e realidade podem ser convergentes: o GDI, nova equipe investigativa do Grupo de comunicação gaúcho RBS, que se formou no início de dezembro de 2016 – unindo jornalistas de jornais, rádios e TV para trabalhar na apuração de denúncias que impactam a vida do cidadão gaúcho – foi apresentada pela própria empresa como fruto da inspiração na equipe do filme *Spotlight*. Assim, voltamos para Berger (2002) e para sua afirmação sobre a importância da representação dos *Newspaper Movies* na própria realidade do jornalismo e seus veículos. Resta esperar para ver se a vida realmente imita a arte.

Referências bibliográficas

BERGER, Christa. (Org.). **O jornalismo no cinema**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2010.

HORA, Zero. **RBS lança Grupo de Investigação**. 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/gdi/noticia/2016/12/rbs-lanca-grupo-de-investigacao-8573996.html>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

LOPES, D. F.; PROENÇA, J. L. (Org.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2010.

SPOTLIGHT. Enredo. Disponível no link:< <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-222271/>>. Acesso no dia: 5 de Abril de 2016.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

VEJA, Revista. **‘O jornalismo investigativo está morrendo’**, diz diretor de ‘Spotlight’. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/o-jornalismo-investigativo-esta-morrendo-diz-diretor-de-spotlight>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

XEXÉO, A. **Um filme sobre o bom jornalismo**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/um-filme-sobre-bom-jornalismo-18443149>>. Acesso em: 01 abr. 2016